

ORGANIZADORES

**FLÁVIA DE ALMEIDA MOURA  
MARCOS FÁBIO BELO MATOS  
RAMON BEZERRA COSTA  
ROSINETE DE JESUS SILVA FERREIRA**

**PRODUÇÃO DE SENTIDOS  
E TECNOLOGIA:  
estudos contemporâneos  
em Comunicação**



**EDUFMA**

## **ORGANIZADORES**

FLÁVIA DE ALMEIDA MOURA

MARCOS FÁBIO BELO MATOS

RAMON BEZERRA COSTA

ROSINETE DE JESUS SILVA FERREIRA

# **PRODUÇÃO DE SENTIDOS E TECNOLOGIA: estudos contemporâneos em Comunicação**

**São Luís**



**EDUFMA**

**2018**

Copyright © 2018 by EDUFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Profª. Dra. Nair Portela Silva Coutinho

Reitora

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Vice-Reitor

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira

Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Esnel José Fagundes

Profª. Dra. Inez Maria Leite da Silva

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

Profª. Dra. Andréa Dias Neves Lago

Profª. Dra. Francisca das Chagas Silva Lima

Bibliotecária Tatiana Cotrim Serra Freire

Prof. Me. Cristiano Leonardo de Alan Kardec Capovilla Luz

Prof. Dr. Jardel Oliveira Santos

Profª. Dra. Michele Goulart Massuchin

Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi

Revisão

Equipe de Organizadores

Projeto Gráfico

Carlos Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Produção de sentidos e tecnologia: estudos contemporâneos em comunicação / Organizadores: Flávia de Almeida Moura [et.al]. — São Luís: EDUFMA, 2018.

194 p.

ISBN: 978-85-7862-804-8

Título: Produção de sentidos e tecnologia: Estudos Contemporâneos em comunicação

Tipo de Suporte: E-book

Formato Ebook: EPUB

1. Comunicação social. 2. Comunicação contemporânea. 3. Sentidos – Produção. 4. Tecnologia. I. Moura, Flávia de Almeida. II. Matos, Marcos Fábio Belo. III. Costa, Ramon Bezerra. IV. Ferreira, Rosinete de Jesus Silva

CDD 302.2

CDU 316.77



## **Sociabilidade: implicações do conceito no estudo da comunicação**

**Nota do Autor**<sup>82</sup>  
***Vera Veiga França***<sup>83</sup>

### **1 INTRODUÇÃO**

O termo “sociabilidade” entrou mais fortemente em nosso vocabulário acadêmico (e nas pesquisas em Comunicação) no início dos anos 1990. Em 1994, no III Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), foi criado o GT Comunicação e Sociabilidade (um GT que permanece até os dias atuais). O Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, criado no mesmo ano, definiu como área de concentração “Comunicação e Sociabilidade Contemporânea”. Vários textos sobre o conceito surgem nesta década<sup>84</sup>, buscando explorar seu alcance e potencialidade. É interessante observar o movimento dos conceitos; em alguns momentos alguns deles “entram na moda”, digamos assim, e são utilizados por todos, às vezes inclusive de forma descuidada ou pouco precisa. Depois eles entram em desuso (por vezes são esquecidos quando não substituídos), e permanecem como uma ferramenta disponível para quando, de fato, se fizer necessária.

Essa espécie de “modismo”, no entanto, não é aleatória; o movimento em busca de novos conceitos, ou novos paradigmas explicativos, reflete modificações na própria realidade. É o campo do real, colocando questões e desafiando o esforço compreensivo, que vem indicar o esgotamento de certas ferramentas teóricas e provocar a busca de novos esquemas conceituais. Assim foi com o conceito de sociabilidade, contemporâneo do momento em que as novas tecnologias da comunicação sofreram um

---

<sup>82</sup> Uma primeira versão deste artigo foi publicada no livro *A encenação dos sentidos. Mídia, Cultura e Política*, organizado por José Luiz Braga, Antônio Fausto Neto e Sérgio Dayrell Porto, em 1995, editado pela Diadorim (RJ) e COMPÓS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação).

<sup>83</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG e pesquisadora do CNPq.

<sup>84</sup> Entre eles, citamos o artigo de Rousiley Maia, publicado na revista *Geraes* (UFMG) em 2002.

avanço vertiginoso, alterando o fluxo das informações e de nosso contato com diferentes realidades, bem como as possibilidades de se estar com o outro. A noção de sociabilidade pareceu adequada para falar dessa mudança e conformação das formas de relacionamento social provocadas pelas redes sociais, pela proliferação de imagens e informações.

Nenhum conceito, no entanto, contém em si mesmo a chave explicativa de uma situação social; ele é um operador, um auxiliar na construção de um quadro analítico. Neste sentido, o surgimento de conceitos deve ser tomado com cuidado, evitando usos e interpretações apressadas e, sobretudo uma alta carga de expectativa, como se sua simples aposição em um texto fosse dotada de grande poder de esclarecimento. O mesmo cuidado deve ser tomado quando, depois um período de uso exaustivo, um determinado conceito começa a ser esquecido, como se tivesse se esgotado. Cada conceito ilumina algum aspecto; atentar para a especificidade de cada um é importante para que saibamos quando e para quê convocá-lo, a que tipo de indagação ele pode ajudar a responder. O conceito de sociabilidade, depois de uma época em que foi bastante lembrado, caiu num certo esvaziamento. O objetivo desta breve reflexão é buscar resgatar os fundamentos teóricos do conceito e as possibilidades que ele traz para o estudo da comunicação. Em outras palavras, a que ele vem, e a que ele serve.

## **2 SOCIABILIDADE COMO RELAÇÕES SOCIAIS**

A primeira coisa a dizer, neste pequeno esforço de revisão, é que (tal como no caso de outros conceitos) seu significado não é unânime, e sociabilidade tanto recebe, por vezes, um uso muito genérico - quase como sinônimo de social -, como pode ser utilizado de forma mais restrita, qualificando um tipo bem específico de relação (como veremos adiante). O uso genérico de conceitos leva ao seu esvaziamento; não precisamos falar em “comunicação e sociabilidade” se nosso objetivo é apenas demarcar a natureza social da comunicação, a relação comunicação e sociedade. A aproximação entre as práticas comunicativas e a dinâmica de constituição e mudança da vida social é a questão-chave de inúmeras teorias. Desde o estudo dos efeitos e funções da comunicação, na Escola Funcionalista Americana, até as diferentes vertentes críticas de análise da (possível) massificação e alienação provocadas pelos meios, passando pelas utopias tecnológicas e/ou totalitárias, é fácil constatar que sempre, e de várias maneiras, a análise dos meios de comunicação e da vida social se cotejam. Sem risco

de errar, podemos dizer que os estudos da comunicação (e da mídia) compreendem, em grande medida, estudos de sua inserção na sociedade. Então, com certeza, comunicação e sociabilidade quer dizer muito mais do que simplesmente se “comunicação social”.

Começando então a delimitar o conceito, podemos perceber que a temática da sociabilidade marca uma determinada tendência de leitura, privilegia um viés, que diz respeito às relações sociais. Numa aproximação ainda bastante aberta, podemos dizer que a temática da comunicação e sociabilidade trata do alinhamento entre a prática dos meios e o desenho das relações entre grupos, classes e membros da sociedade. É esse alinhamento e a natureza dessas relações que marcam os indicadores de novas perspectivas de análise.

Duas abordagens distintas na maneira como vêm sendo interpretadas as relações entre meios de comunicação e relações sociais podem ser identificadas. A primeira delas poderia ser indicada como uso dos meios a serviço de relações pré-existentes na sociedade. Trata-se do chamado “uso instrumental”. Toda sociedade é estruturada em classes, extratos, campos de poder (conforme o quadro teórico utilizado na sua leitura). De acordo com essa perspectiva, tanto a propriedade como a dinâmica dos meios estão dadas em função e de acordo com a base estrutural de uma sociedade e com a divisão de poder entre as classes sociais; nesse contexto, os meios se colocam a serviço da mediação e da efetivação de certo tipo de relação entre elas. Os meios de comunicação estariam a serviço de relações de dominação, de construção da hegemonia ou, num uso alternativo, poderiam ser utilizados para a libertação, para maior esclarecimento de camadas da população, para a construção de uma contra-hegemonia.

Uma segunda perspectiva vai indicar, mais do que uma conformação da mídia a uma estrutura relacional existente, o seu papel na reconfiguração das relações e do cenário social. Aqui o que se procura registrar é que as relações sociais não são as mesmas antes e depois do advento dos novos meios tecnológicos (principalmente em suas novas configurações digitais). A prática dos meios, as novas linguagens que eles inauguram, a entrada em cena de novos interlocutores, a criação de um novo cenário e o reordenamentos dos espaços – a nova maneira de estar na sociedade via meios tecnológicos, enfim - vieram implodir o panorama da vida social. As relações econômicas, a relações políticas, as diferentes relações estruturadoras da vida social tomam um novo “formato” na era da informação e da imagem; a

vida social adquire uma nova natureza. É nesse momento que o conceito de sociabilidade começa a ser convocado, e se diz que “os meios de comunicação inauguram uma nova sociabilidade”, ou seja, os meios desenvolvem novas formas de relação.

### **3 O CONCEITO DE SOCIABILIDADE**

Para além desse uso ainda geral - dizer que os meios refletem/interferem nas relações sociais -, é interessante examinar o próprio conceito de sociabilidade. Tomemos como ponto de partida o sentido expresso na definição apresentada nos dicionários (cf. Aurélio, por ex.): sociabilidade é a qualidade do que é sociável (sociável: que se pode associar, que gosta de viver em sociedade, que é dado à vida social); modos de quem vive em sociedade; tendência para viver em sociedade. Tal definição, se não é completamente elucidativa, enfatiza a tendência a se associar, o apego à vida social.

É exatamente essa ênfase que é resgatada e reforçada pela contribuição de dois autores que discutem o assunto e que aqui tomamos como referência, George Simmel (1988) e Michel Maffesoli (1984). Encontramos em Simmel, sociólogo alemão (1858-1918) a formulação original do conceito de sociabilidade, que se justapõe e marca uma distinção no seio das relações sociais, indicando a especificidade de um tipo de relação. Tradicionalmente, ao falarmos de relações sociais, estamos nos referindo a relações formais, estabelecidas, relativamente estáveis e cumprindo um papel determinante na organização da vida social (veja-se o uso dos conceitos de classes, estamentos, castas, extratos sociais). Podemos pensar aqui em relações econômicas (entre classes proprietárias dos bens de produção e classes trabalhadoras) e comerciais, em relações religiosas, relações familiares. Elas estão dadas, nós as encontramos quando nascemos e, pela socialização, aprendemos a nos mover e nos situar dentro delas, conforme nosso próprio lugar.

Distinguindo-se desses formatos estáveis e “funcionais”, Simmel se refere à sociabilidade como “a forma lúdica da socialização”. Dentro da sociologia clássica, socializar se refere ao processo de aprendizado da vida social, de imposição de padrões sociais à conduta individual; processo pelo qual um indivíduo aprende a ser membro de uma sociedade. Para Simmel, a socialização se refere às inúmeras formas através das quais indivíduos e grupos, impulsionados por interesses diversos (interesses econômicos, instintos eróticos, afetividade, impulsões religiosas, ameaças etc), se soldam numa unidade

onde esses interesses se realizam. A socialização compreende o processo de ajustamento, de justaposição de indivíduos solitários através de formas de existência comum e solidária (SIMMEL, 1991, p. 122).

Aqui a socialização é apresentada no seu caráter mais negocial e de construção de uma vida comum. Porém enquanto a concepção clássica privilegia o aspecto externo e impositivo da socialização (o caráter coercitivo da cultura), Simmel, na sociologia compreensiva que é a sua, destaca outros aspectos: interesses, diversidade, e o movimento que cria a unificação de elementos distintos. O processo de socialização é a *forma*<sup>85</sup> global desse processo de construção da vida social, dessa dinâmica de associação buscada pelos indivíduos para realizar seus interesses.

É aí que entra a sociabilidade, a *forma lúdica da socialização*. Ela é uma dessas inúmeras formas através das quais os indivíduos se associam; sua distinção é que, em contraposição às demais, ela é marcada pela inexistência de fins práticos. Nem conteúdo nem resultado; no seu extremo, a noção de sociabilidade significaria a forma pura – “uma relação que de certa maneira não quer senão existir como relação” (SIMMEL, 1991, p. 133). Dentro do campo da sociabilidade, os indivíduos se comprazem em estabelecer laços, e esses laços têm em si mesmos a sua razão de ser.

[...] nos momentos sérios de sua vida, os homens falam em função do conteúdo que eles querem comunicar ou sobre o qual eles querem ouvir; na sociabilidade, ao contrário, *o discurso torna-se seu próprio fim*, não no sentido naturalista da tagarelice, mas no sentido da arte da conversação, com suas próprias leis artísticas. (SIMMEL, 1991, p. 131). (grifo nosso)

Em tal perspectiva, a sociabilidade aponta uma certa exuberância, expressão paroxística de um querer viver, querer se relacionar:

Toda sociabilidade não é senão um símbolo da vida; *um símbolo*, no que ela se desenha no desenrolar de um jogo que satisfaz facilmente as pessoas; mas entretanto ela é também um símbolo *da vida*, cuja imagem apenas se transforma na medida da distância que se consegue ganhar sobre ela; isso no mesmo sentido em que a arte mais livre e mais fantasista, a mais distanciada de qualquer cópia do real, se alimenta de uma relação profunda e fiel com a realidade, sob pena de se tornar vazia e mentirosa. (SIMMEL, 1991, p. 135). (grifo nosso)

---

<sup>85</sup> Veja-se, a propósito, a noção de “formismo” em Maffesoli (1988).



Assim, a sociabilidade se apresenta para Simmel como um jogo de formas, de desempenhos (performances), “obra estilizada tecida com os fios do real”. Distanciando-se, a sociabilidade se alimenta de uma relação profunda com a realidade. É na sua “irrealidade” que ela se manifesta da forma mais autêntica enquanto “representação” do real. O sentido de “forma”, a natureza relacional, a convivialidade são retomados por M. Maffesoli (1984; 1985), que define a sociabilidade (ou socialidade, como ele prefere nomear) como “solidariedade de base, societal em ato” (MAFFESOLI, 1985, p. 17). A socia(bi)lidade de Maffesoli refere-se à força vital de agregação, à atração do outro, ao “divino social” formulado por Durkheim (1991). Para Maffesoli (1985), a socia(bi)lidade se opõe ao político – pelo menos às relações cristalizadas da política, ao político institucional – e se remete às relações anárquicas, contraditórias e fusionais que cimentam a criação da comunidade e impulsionam as diferentes formas de agregação. Enquanto as relações sociais formais estão fundadas em fins pragmáticos e no racional, a socia(bi)lidade é da ordem do afetivo, do sensível, do efêmero.

Num outro registro, Boaventura Santos (num texto cujo objetivo não é discutir a sociabilidade, mas ampliar o espaço de reflexão dos cientistas sociais), distingue seis espaços estruturais que povoam a nossa realidade contemporânea. São eles o espaço-tempo doméstico, o espaço-tempo da produção, o espaço-tempo da comunidade, o espaço estrutural do mercado, o espaço-tempo da cidadania, o espaço-tempo mundial (SANTOS, 2007, p. 61 e/s). Não é o caso aqui de explorar a maior ou menor pertinência e completude dessa divisão, mas chamar a atenção para o fato de que o autor aponta, em cada um deles, o desenvolvimento de formas próprias de sociabilidade. Ou seja, cada espaço-tempo implicam lugares, posicionamentos, temporalidades, ritmos, duração. *Formas específicas* de relação – um tipo de sociabilidade.

Ou seja, as diferentes situações, as muitas configurações da vida social trazem ordenamentos quanto às relações que aí se realizam. Apoiando-nos em Simmel (1991) e Maffesoli (1985), vamos dizer que cada uma delas orienta formas, suscita espessuras de sentimento, de emoções, de investimentos. Estar com o outro é uma arte que exige permanente investimento e criatividade dos atores sociais em suas performances e na construção desse “estar junto com”.

#### **4 COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE**

Não querendo me alongar nesta discussão, a indagação que se coloca, retomando a temática proposta, refere-se aos reflexos de tais perspectivas no estudo da comunicação. Em outras palavras, se a sociabilidade é um conceito de natureza sociológica, e diz respeito à forma das relações sociais, indicando um tipo de relação, ou uma dimensão que permeia e conforma essas relações, de que maneira a junção comunicação e sociabilidade agrega sentido e confere um dado viés aos estudos comunicacionais?

Buscando responder a esta questão, a primeira coisa a ressaltar é que o enfoque trazido pela sociabilidade ajuda a recolocar em novos patamares a própria relação comunicação / sociedade. Na formulação mais frequente, as análises sociais da comunicação tomam “comunicação” e “sociedade” como entidades (ou fenômenos) dotadas de existência própria e de relativa autonomia, inscritas numa dinâmica de determinação e causalidade que, conforme a formulação (o quadro teórico adotado), pode se alternar de um polo a outro. Por vezes é a sociedade, enquanto uma totalidade pré-existente, que orienta e instrumentaliza a ação dos meios, formula demandas, impõe um papel (seja a sociedade como um todo, que atribui à comunicação o cumprimento de certas metas, como informar, integrar seus membros; sejam os grupos ou classes, que usam da comunicação para manter e/ou disputar o poder). Em outras abordagens (em teorias midiacêntricas, tais como a de McLuhan e suas versões mais atuais), são os meios que, dotados de certa onipotência, passam a configurar a vida social. Aqui se diz que a história da humanidade vem passando por estágios diferentes, conforme os meios de comunicação (os dispositivos e suportes) em uso em cada época.

O conceito de sociabilidade, no sentido de relações de base, formas lúdicas de socialização, atração pela vida social (a força do ser-junto-com), direciona um olhar distinto, realçando a imbricação comunicação/sociedade, numa configuração em que a comunicação ajuda a estabelecer a realização do social. Ou seja, ela propicia o “estar com”; ela dá forma e materializa a realização das relações que os membros da sociedade estabelecem entre si. Em tal perspectiva não se trata mais de pensar em uma instância que reflete ou determina a outra, mas compreender a prática comunicativa (da qual redes digitais constituem hoje a faceta mais evidente) como espaço próprio da vida social, momento do social – social em ato, como diz Maffesoli (1988).

Nas análises da comunicação, a noção de sociabilidade possibilita indicar a existência de uma outra lógica, ou de uma outra dinâmica na construção das relações comunicativas. Ela ajuda a pensar a interseção, ou talvez mais propriamente a imersão dos meios no seio das mesmas forças que impulsionam o estar-junto que constitui uma sociedade ou uma vida em comum. Seguindo essa perspectiva, entenderíamos que as práticas comunicativas da sociedade obedecem a uma lógica que é sua (intrínseca ao ato) e que é da vida social em seu conjunto. Os meios não obedecem a diretrizes que estão fora deles, não se dão de fora para dentro, como força configuradora da vida social sediada externamente e incidindo nas práticas comunicativas. Tais diretrizes se encontram dentro dessas práticas, pois o social apenas existe nas diferentes instâncias e ações que compõem a vida social. E a comunicação não é uma prática apartada da dinâmica mais ampla da sociedade; ao contrário, elas são *uma das práticas* que dão a ver essa dinâmica, e as forças que as impulsionam.

Contrariando os prognósticos sombrios de algum tempo atrás (o fantasma das utopias totalitárias, onde a câmera constitui o grande olho), os meios não absorveram o conjunto da vida social: eles constituem sua face visível. Não se trata aqui de negar o peso e a importância da mídia, a presença avassaladora da técnica e da sociedade da imagem, mas de buscar ver como essa presença não é *outra coisa*, e não substituiu a pulsação da vida – mas torna visível esse pulsar. Os diferentes meios foram incorporados na vida do dia-a-dia, e eles tanto interferem nas nossas atividades e na construção do sentido como são invadidos e atravessados pelas atitudes prosaicas que edificam a vida cotidiana (dos quais os vídeos domésticos, os bate-papos e namoros via redes constituem pequenos exemplos).

Ora, uma tal perspectiva, que indica o espaço dos meios como um espaço de realização da vida social, espaço de estar um com o outro, aponta algumas diretrizes no estudo da comunicação. De forma sucinta, e sem pretender esgotar o assunto (mas apenas abrir possibilidades), indicamos algumas pistas analíticas em direção a três dimensões básicas do fenômeno; três entradas iluminadas, digamos assim, pela noção de sociabilidade (pela força do aspecto relacional na configuração das práticas comunicativas). Inicialmente, e substituindo os paradigmas unidirecionais que marcaram os primeiros estudos comunicacionais, é interessante pensar a comunicação enquanto interação, forma interativa. A crítica à teoria americana e ao modelo informacional (configurando uma relação unilateral entre emissor e receptor) recebeu como contraponto, ao longo dos anos 1970, um modelo alternativo, referindo-se a

relações dialógicas ou bilaterais; frente a uma televisão que emite, e um a audiência que recebe, a “verdadeira” comunicação seria aquela onde todo emissor é simultaneamente receptor, e todo receptor é simultaneamente emissor.

Ora, nem toda prática comunicativa é dialógica no sentido estrito do termo (marcada pela equivalência de funções entre emissores e receptores), e *cada uma delas configura uma determinada forma de interação*. Desde os modelos mais bilaterais (uma troca conversacional entre duas pessoas) até as formas mais verticais e autoritárias que se dão a ver em algumas práticas comunicativas, trata-se sempre de um tipo de comunicação, uma forma de interação em que *um* e *outro* estão lá desde o princípio. E é exatamente em função da diversidade de formas que podem adquirir as interações comunicativas, do aspecto contraditorial que elas podem assumir, que elas necessitam ser melhor compreendidas em sua particularidade. Assim, o estudo da comunicação, inspirado pelo viés da sociabilidade, é o estudo de relações comunicativas inscritas no terreno da experiência. No panorama contemporâneo, marcado pela exacerbação do espaço midiático, novas experiências se realizam através dos meios. É necessário investigar a natureza dessas experiências, a maneira e o formato das relações que se estabelecem; a presença viva de atores/interlocutores que atuam, interatuam, se estimulam reciprocamente e reagem – dentro de formas que nem sempre podemos prever.

A segunda entrada analítica diz respeito à dimensão de sentido que permeia uma prática comunicativa, e que é também marcada pelas características das relações estabelecidas. A presença do um e do outro, a criação de laços que acontece via televisão, via computador, via mensagens sonoras têm essa particularidade de se expressar, se realizar através de uma materialidade simbólica particular, de uma inscrição concreta – um “texto”. Aliás, é a dimensão simbólica, a mediação e o encontro através do simbólico, a utilização de uma linguagem (um campo de estruturação e de passagem do sentido) que marca a especificidade da relação comunicativa frente a outras formas de relação.

No entanto, o sentido nas interações comunicativas estabelecidas pelos indivíduos é invasivo; ele não se confina nos limites estritos da mensagem, mas se completa e transborda através dos interlocutores e até mesmo da ambiência em que eles estão imersos. Um sentido se constrói numa relação comunicativa, que é o sentido inscrito na mensagem (no texto produzido), mas é também o sentido da própria relação,

da presença viva de um e do outro, é o sentido de pessoas que atuam em um tempo e um lugar. O estudo da comunicação inclui a apreensão da atmosfera simbólica que permeia a relação, que marca a incidência da linguagem num dado contexto relacional.

Como terceiro aspecto, a noção de sociabilidade nos afasta da definição de efeitos e finalidades definitivas, e nos sugere a análise do movimento, do efêmero, do pontual. Ela expande os limites do ato comunicativo, e nos incita a pensar a prática comunicativa – que se realiza através de diferentes aparatos tecnológicos – na sua aproximação e na sua interpenetração com outras práticas da vida social. Em lugar de isolar o espaço midiático, devemos antes buscar sua inserção num terreno mais amplo, e compreender como ele realiza, compõe e pontua nossas existências cotidianas exatamente no que ela tem de cotidiana, banal e vivida.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em síntese: a noção de sociabilidade nos ajuda a resgatar a complexidade do ato comunicativo; sua natureza de relação, sua natureza simbólica e sua inserção no terreno da experiência e da vida social. Como trabalhar com essa perspectiva, resgatar a complexidade e avançar na compreensão da comunicação contemporânea constitui o nosso desafio.

Como disse no início, este é um texto exploratório, que não pretende dar respostas, mas estimular discussões. Como pesquisadore/as, trabalhamos com pressupostos e convicções. Minha convicção é de que o ato comunicativo exprime sempre uma pulsação da vida social. O conceito de sociabilidade abre perspectivas que me parecem frutíferas para avançar nesse reconhecimento da persistência da vida social – apesar e através de meios tecnológicos que ajudam a configurar formas novas e cada vez mais sofisticadas de práticas comunicativas.

## REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Emile. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris: Le livre de poche, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **La transfiguration du politique**. Paris: Grasset, 1985.

MAIA, Rousiley C. M. Sociabilidade: apenas um conceito? **Geraes – Estudos em Comunicação e Sociabilidade**, n.53. Belo Horizonte, UFMG, 2002

SANTOS, Boaventura de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SIMMEL, Georg. **Sociologia et épistémologie**. Paris: PUF, 1991, 2ª ed.

\_\_\_\_\_. **La tragédie de la culture et autres essais**. Paris: Rivages, 1988.